



30(1):5 - 6
jan/jun 2005

EDITORIAL

DISCURSOS, CULTURA E CURRÍCULO

Clarice Lispector nos ensina sobre a vida em mutação, o texto em turbulência, também a precariedade das nossas escrituras e interpretações. “Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra”¹, nos diz ela. Penso que essa que é uma das nossas mais ricas escritoras abre aí – e em tantos outros textos – um mundo que vai além do pensamento sobre a criação literária: ela nos empurra, a nós pesquisadores e a nós professores, para assumir, talvez, uma certa humildade com o que produzimos em nossos textos e investigações. Falo da aceitação da provisoriedade dos discursos e das nossas próprias leituras. Também de como nos lêem e nos compreendem.

Este número de *Educação & Realidade* se ocupa de relações entre currículo, discursos e cultura. Os artigos selecionados, mesmo que com perspectivas teóricas muito diversas entre si, foram reunidos neste volume por tratarem da educação – e especificamente do currículo –, a partir de debates sérios e atentos aos grandes temas de nosso tempo. Replicando o título do livro de Clarice, são temas “para não esquecer”: as políticas de ações afirmativas na educação, por exemplo; a prevenção ao HIV/AIDS em anúncios governamentais na TV; as ligações entre desemprego, inserção profissional e escolaridade; o Programa Nacional Bolsa-Escola e a interpelação das mães. Em todos eles, temos a explicitação de um certo ponto de vista teórico, de *uma* possibilidade de leitura, de um modo diferente de “pescar” a palavra, a imagem, e nesse gesto, “pescar” algo da chamada realidade. Mas sempre com a certeza da incerteza.

¹ LISPECTOR, Clarice. A pesca milagrosa. In: _____. *Para não esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 24.

Junto a esses temas explicitamente fortes, urgentes, oferecemos ao leitor e à leitora artigos que nos ajudam a pensar a experiência com o cinema, a música, a produção gráfica de crianças, o próprio corpo – essas linguagens e formas inscritas na cultura, e que têm relação íntima com os processos educacionais. Que sentidos jovens universitários atribuem às imagens do cinema? Como pensar uma nova filosofia da educação musical? Que discursos e práticas circulam em nossa cultura, a transformar e a fabricar nossos corpos? Como a produção gráfica de crianças em processo de alfabetização pode ser vista como possibilidade de enunciação ou forma de representação?

Talvez todos esses artigos possam articular-se entre si, a partir de textos de proposta mais ampla, como o que trata filosoficamente do currículo, fundamentado na hermenêutica de Hans-Georg Gadamer; ou da análise sobre como pesquisadores de uma universidade federal controem formas diferenciadas de propostas de investigação, no campo educacional. Ou ainda, a partir do artigo que discute o tema das representações sociais em relação às teorias que sustentam pesquisas em psicologia e educação.

Certamente, a leitura de tão variados e ricos textos, de tão diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, produzirá efeitos não imaginados. Costuma ser assim com tudo o que produzimos, publicamos e recebemos. Que bom. Não “pescamos” nunca a realidade. Não “pescamos” jamais a coisa ela mesma. Não temos o poder de “pescar” o que efetivamente um autor “quis dizer”. Trata-se em todos os casos de construções, humanas, possibilidades de ver e de comunicar, no meio acadêmico e científico, sem que isso signifique negação do vivido, daquilo que pulsa no social, particularmente nos inúmeros lugares da educação, neste País.

Um abraço e um agradecimento a todos os colaboradores, em especial aos colegas que avaliaram os artigos – sempre competentes e de uma generosidade “para não esquecer”.

Rosa Maria Bueno Fischer
Editora